

ENTRE O DESEMPREGO E A INFORMALIDADE: EXPERIÊNCIAS E NARRATIVAS LABORAIS DE JOVENS TRABALHADORES NA CIDADE DE SÃO PAULO

*BETWEEN UNEMPLOYMENT AND INFORMALITY: LABOR NARRATIVES
AND EXPERIENCES OF YOUNG WORKERS IN SÃO PAULO*

Gabriel Ulbricht¹

RESUMO

O mundo do trabalho no século XXI permanece atravessado por instabilidades e inseguranças para grande parte das trabalhadoras e dos trabalhadores brasileiros, que navegam por um capitalismo com elevados índices de informalidade, redução de empregos e, consequentemente, desemprego. Cada vez mais, a transição da juventude em direção ao mercado de trabalho parece ocorrer sob formas incertas, e com a informalidade se tornando um denominador comum. Desse modo, a partir de entrevistas qualitativas feitas em profundidade, este artigo visa investigar como a informalidade e o desemprego moldaram as experiências e narrativas de três jovens trabalhadores na cidade de São Paulo. Além disso, trato de compreender as percepções dos entrevistados sobre temas como auxílios sociais e carteira assinada que, apesar de serem continuamente deslegitimados pela narrativa hegemônica neoliberal, tal hegemonia não deixa de ser contestada pelas experiências e agências daqueles que sobrevivem diariamente nas ruínas da precarização.

Palavras-chave: Trabalho, Informalidade, Juventude, Desemprego, Neoliberalismo.

ABSTRACT

The world of work in the 21st century remains shaped by instability and insecurity for a large portion of Brazilian workers, who navigate a capitalist system characterized by high levels of informality, job reduction, and, consequently, unemployment. More and more, the transition of young people into the labor market seems to occur under uncertain conditions, with informality becoming a common denominator. Thus, relying on in-depth qualitative interviews, this article aims to investigate how informality and unemployment have shaped the experiences and narratives of three young workers in the city of São Paulo. Additionally, it seeks to understand the interviewees' perceptions of topics such as social assistance programs and formal employment contracts, which, despite being continuously delegitimized by the hegemonic neoliberal narrative, such hegemony is nonetheless contested through the experiences and agency of those who survive in the ruins of precarization.

Keywords: Labor, Informality, Youth, Unemployment, Neoliberalism.

¹ Mestre em sociologia pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), integra o grupo de pesquisa Mundo do Trabalho e suas Metamorfoses (GPMT).

1. INTRODUÇÃO

Desde as últimas décadas do século XX até os dias atuais, o mercado de trabalho sofreu transformações consideráveis a partir de processos históricos que operaram à nível global, compreendendo desde a reestruturação produtiva nos anos 1970 (resultando no avanço da chamada acumulação flexível²), até a consolidação e expansão do projeto político-econômico do neoliberalismo³. Os resultados de tais transformações foram claros: maior flexibilização das relações de trabalho, enxugamento de postos empregatícios, informalidade, demissões em massa e retirada de direitos anteriormente conquistados pela classe trabalhadora (Antunes, 2009; Harvey, 1990). Vale ressaltar, ainda, o advento de trabalhos mediados pelas plataformas digitais (Ravenelle, 2019; Woodcock, 2021), consolidando o aumento de empregos uberizados que, desde seu surgimento, desproveram os trabalhadores de quaisquer direitos minimamente sólidos (Antunes, 2018), e fazendo jus a um mundo do trabalho cada vez mais imerso em uma precarização que se assemelha àquela presenciada no período da Revolução Industrial (Antunes, 2023)⁴.

A flexibilidade e alta rotatividade tornaram-se, assim, elementos definitivos do capitalismo contemporâneo (Sennett, 2006), aliados às políticas neoliberais que operaram mudanças visando facilitar a redução de custos empresariais e adaptando a legislação à organização flexível da produção (Harvey, 2008; Krein, 2022). No Brasil, tais mudanças ocorreram em um mundo do trabalho onde a informalidade⁵ historicamente persiste de forma estrutural no país (Cardoso, 2019), com uma classe trabalhadora que “salta” de emprego a emprego de modo rotineiro.

Além disso, a pandemia de covid-19, iniciada em 2020, acentuou contradições sociais que já estavam latentes (Antunes, 2022), com a informalidade e o desemprego ganhando proporções ainda mais alarmantes: segundo dados da Organização Internacional do Trabalho (OIT), cerca de 195 milhões de empregos estavam em vias de desaparecer mundialmente já no segundo trimestre de 2020, além de cerca de 1,6 bilhão de pessoas na informalidade (OIT, 2021). Já em 2025, embora os índices de desemprego tenham caído em comparação aos anos anteriores, ainda assim, sua queda permanece lenta, especialmente entre a juventude que continua enfrentando enormes dificuldades para se manter empregada (ILO, 2025).

Sendo assim, mesmo após o fim da pandemia, o mercado de trabalho permanece com elevados índices de informalidade e desemprego, principalmente quando consideramos países de capitalismo periférico como o Brasil, historicamente caracterizado por trabalhos informais e escassa proteção assistencial do trabalho (Antunes, 2009; Krein, 2022). Não por acaso, a taxa de informalidade no país ficou próxima de atingir 40% no quarto trimestre de 2024

² “*Flexible accumulation*, as I shall tentatively call it, is marked by a direct confrontation with the rigidities of Fordism. It rests on flexibility with respect to labour processes, labour markets, products, and patterns of consumption” (Harvey, 1990, p. 147).

³ “O neoliberalismo é em primeiro lugar uma teoria das práticas político-econômicas que propõe que o bem-estar humano pode ser melhor promovido liberando-se as liberdades e capacidades empreendedoras individuais no âmbito de uma estrutura institucional caracterizada por sólidos direitos a propriedade privada, livres mercados e livre comércio” (Harvey, 2008, p. 12).

⁴ “Sabemos que a protoforma do capitalismo foi marcada pela enorme exploração do trabalho, nos primórdios do universo fabril em Manchester, berço da Revolução Industrial no século XVIII, cujas jornadas de homens, mulheres e crianças ultrapassavam 12, 14, 16 horas por dia [...]. Assim, nossa tese indica que parece existir uma esdrúxula (mas não paradoxal) aproximação entre essas distintas fases históricas do capitalismo, a pretérita e a de plataforma” (Antunes, 2024, p. 32).

⁵ Por informalidade, entende-se a situação de trabalhadores e trabalhadoras que vendem sua força de trabalho sem serem contemplados pelo vínculo formal mediado pela carteira de trabalho sob o regime de CLT. Esses trabalhadores estão, portanto, privados de direitos trabalhistas básicos.

(IBGE, 2024), além de quase 10 milhões de trabalhadores desempregados ou em situação de desalento (IBGE, 2025).

Se o mercado de trabalho brasileiro é marcado pela irregularidade empregatícia, isso também se reflete no setor da juventude que busca trabalho (Cardoso, 2019) de tal forma que, atualmente, inúmeros jovens trabalhadores possuem suas vidas marcadas pela condição da informalidade, com as flutuações econômicas e descontinuidades daí advindas: podem encontrar um emprego, mas a qualquer momento se veem sem ele (Pais, 2016). Ou seja, o assalariamento formal permanece sendo uma espécie de momento efêmero nas trajetórias de vida dos jovens brasileiros (Cardoso, 2019).

Desse modo, baseando-se em resultados de uma etnografia conduzida na cidade de São Paulo, este trabalho buscará compreender os efeitos reais do desemprego e da informalidade nas experiências e vivências de três jovens – Isabella, Laura e Mathias⁶ – que desde o início de suas transições para o mercado de trabalho encontraram um cenário marcado pela informalidade e pela dificuldade de se manter em um emprego estável. As entrevistas qualitativas aqui realizadas nos revelam que, apesar do discurso dominante no mundo do trabalho ser marcado pela pragmática neoliberal em condenar auxílios sociais e o excesso de “burocracia” por trás de empregos com carteira assinada, as experiências desses jovens que vivem nas ruínas de um mundo do trabalho precarizado resultaram em percepções e consciências que se contrapõem a essa pretendida hegemonia, ainda que de formas contraditórias e multifacetadas.

Compreender a maneira que os trabalhadores interpretam suas vivências e trajetórias tornou-se um dos desafios para a imaginação sociológica no século XXI. Portanto, este estudo visa contribuir com a temática a partir de um enfoque que preze pelos depoimentos daqueles que navegam em um mundo do trabalho marcado pelo emaranhado caótico entre informalidade e desemprego, que antes de se comportarem como anomalias, tornam-se denominadores comuns e constitutivos dentro das experiências e narrativas laborais contemporâneas.

2. METODOLOGIA

Os resultados apresentados neste trabalho são oriundos de uma pesquisa de mestrado que integrou observações etnográficas e entrevistas em profundidade, conduzidas a partir de visitas regulares ao Centro de Apoio ao Trabalho e Empreendedorismo (CATE), instituição pública sustentada pela prefeitura de São Paulo que visa auxiliar trabalhadores em situação de vulnerabilidade, seja através de seguro-desemprego, oportunidades empregatícias ou, como demonstra a virada neoliberal na própria instituição, formações empreendedoras e cursos sobre como gerar a própria renda (Ulbricht, 2024). Entre os objetivos de minha pesquisa, busquei entrevistar jovens em situação de desemprego que frequentavam o CATE, para então compreender as implicações sociais da informalidade e do desemprego na vida desses trabalhadores. As entrevistas e os dados coletados ao longo das visitas ocorreram entre os meses de novembro de 2023 até junho de 2024.

Ao visitar o Centro de Apoio ao Trabalho e Empreendedorismo pela primeira vez, lembro de ficar impressionado com a estética da instituição, com suas paredes exteriores adornadas com mensagens promovendo o empreendedorismo e cursos para aprender a “gerar a própria renda”, o que me remeteu aos adornos frequentemente utilizadas por *startups* privadas, visando criar uma atmosfera mais “descontraída”. Contudo, no que diz respeito ao seu funcionamento, o CATE operava de modo semelhante às demais instituições públicas:

⁶ Os nomes aqui utilizados são pseudônimos com o intuito de preservar a identidade dos entrevistados.

os trabalhadores entravam, retiravam uma senha e esperavam seu número ser chamado em um painel eletrônico (Ulbricht, 2024).

Além disso, tanto algumas empresas privadas quanto empresas públicas faziam uso do CATE para realizar processos seletivos. Não por acaso, a instituição ficava especialmente cheia em dias de processos seletivos para trabalhos com carteira assinada, tendo em vista que muitos trabalhadores frequentavam o CATE em busca de emprego. Nesses momentos, caminhar dentro da instituição se tornava praticamente impossível devido ao enorme contingente de trabalhadores esperando para serem atendidos, com alguns deles aguardando do lado de fora do prédio. Foram nesses dias, principalmente, que eu me apresentei a alguns trabalhadores, solicitando a possibilidade de uma entrevista enquanto estes estavam entediados. Embora a pesquisa total tenha contado com 14 entrevistas, este artigo será focado em três casos específicos e que foram capazes de sintetizar muitos dos dados achados no campo acerca da relação entre informalidade e desemprego.

Considerando que apenas três entrevistas foram mobilizadas, este trabalho não visa criar uma ampla amostra representativa sobre jovens que transitam entre a informalidade e o desemprego. Pelo contrário, minha abordagem tem como foco explorar casos específicos em maior profundidade, moldados pelo tempo, espaço e momento histórico em que as entrevistas foram realizadas (Burawoy, 2014). Ou seja, busco aqui lançar luz acerca das complexas maneiras em que os trabalhadores e trabalhadoras podem compreender e vivenciar determinadas condições sociais. Ao fazer isso, prezo por uma sociologia que olhe para as narrativas e experiências dos trabalhadores, assim como a forma que estes navegam sob as ruínas de um mundo do trabalho precarizado.

Mais ainda, a abordagem etnográfica não se limita à observação participante ou à coleta de narrativas; ela também envolve um engajamento com o campo de pesquisa, a construção de relações de confiança com os sujeitos aqui entrevistados e a interpretação crítica dos dados à luz do contexto histórico e social. Desse modo, essa abordagem nos permite explorar dimensões subjetivas e simbólicas do trabalho, da vida cotidiana e das relações sociais, aspectos que são centrais para compreender o emaranhado contraditório entre informalidade, precarização e desemprego.

As entrevistas aqui mobilizadas incluem observações de campo realizadas ao longo da pesquisa⁷, e foram gravadas mediante consenso entre entrevistador e entrevistados. As gravações foram transcritas pelo próprio pesquisador e sem o uso de qualquer software específico.

3. TRANSITANDO ENTRE A INFORMALIDADE E O DESEMPREGO

3.1 “A gente meio que fazia um pouco de tudo”

Isabella é uma jovem trabalhadora de 22 anos e residente da cidade de São Paulo. No momento de nossa entrevista, ela afirmou que, além de ter terminado o ensino médio, também fez alguns cursos formativos de inglês e informática, assim como um curso livre de teatro, tendo em vista que seu sonho era se tornar atriz. No entanto, em virtude das dificuldades financeiras que sua mãe enfrentava, Isabella começou a trabalhar desde cedo, e precisou adiar seus planos de cursar uma graduação em artes cênicas.

⁷ Mais detalhes acerca do perfil dos trabalhadores entrevistados e de outros elementos de campo encontrados ao longo da totalidade dessa pesquisa já estão disponíveis em artigo publicado (Ulbricht, 2024).

Ou seja, após fazer 18 anos e terminar o ensino médio, a possibilidade de continuar seus estudos foi interrompida pelo imperativo de ajudar sua família financeiramente, de tal forma que Isabella começou a entregar currículos em busca de trabalho. Porém, mesmo procurando incessantemente, sua ambição de conseguir um emprego formal ficou estagnada por mais de um ano, já que não conseguia encontrar uma oportunidade de trabalho estável sob regime de CLT.

Antes de eu conseguir esse [emprego] que fiquei um ano e pouco, nossa, eu estava procurando há muito tempo, entregando currículo, pesquisando na internet os sites e tudo, e nada. Eu saí da escola em 2018, e em 2019 eu fiz 18 anos e eu falei assim: vamo embora! Buscar CLT, sou de maior! E desde essa época eu fiquei procurando, mas eu fui conseguir realmente ficar num emprego fixo só em 2021!

As dificuldades de Isabella para conseguir um emprego com carteira assinada são evidentes. De acordo com Pais (2016), a procura de trabalho para muitos jovens se assemelha a uma espécie de “loteria”, em que é preciso ter sorte para conseguir encontrar um emprego minimamente estável. Se transferirmos essa ideia para um país do Sul global (como o Brasil), essa “loteria” pode se mostrar ainda mais seletiva, na medida em que a informalidade está estruturalmente arraigada no mundo do trabalho brasileiro (Cardoso, 2019), com grande parte dos trabalhadores lutando para sobreviver em um cenário que mescla desocupação e concorrência predatória (Krein, 2022).

Não por acaso, Isabella, que procurava um emprego CLT desde 2019, só conseguiu encontrá-lo efetivamente em 2021, quando começou a trabalhar como vendedora em uma pequena empresa fazendo “um pouco de tudo”, já que precisou transitar entre a área de vendas (a qual foi originalmente contratada) e a área de administração.

Eu comecei como vendedora e depois fui para a área de administração. Ai como era uma empresa pequena, a gente meio que fazia um pouco de tudo... Nossa, “função” era o meu nome do meio! [...] às vezes eu tinha que fazer o papel de demitir gente! Então eu vi muita gente ser demitida com meus próprios olhos!

A experiência particular da entrevistada em precisar fazer “um pouco de tudo” em seu emprego parece remeter ao caráter flexível que assolou o mercado de trabalho nos últimos anos, com poucos empregos e alta concentração de tarefas e funções para os poucos que permanecem empregados (Harvey, 1990; Sennett, 2006). Embora tenha sido formalmente contratada como vendedora, Isabella transitava por outras funções ao longo de sua jornada, chegando até mesmo a mediar demissões que começaram a acontecer com maior frequência, de tal forma que sua vez também chegaria, já que foi demitida cerca de quatro meses antes de nossa entrevista, estando à procura trabalho desde então.

Eu fui demitida, mas assim, estavam tendo vários cortes de funcionários e eu fui nessa leva, fui junto. Teve bastante corte! Fiquei no trabalho acho que um ano e oito meses [...] era CLT, peguei férias e tudo, estava quase chegando na segunda férias! Ai que tristeza...

Desse modo, Isabella ficou desempregada a partir da “leva” de cortes de funcionários que sua empresa promoveu, estando em busca de um novo emprego há cerca de quatro meses. Não obstante, se voltarmos um pouco em sua trajetória profissional, veremos que no período em que esteve procurando um trabalho registrado, Isabella precisou “se virar” em outras atividades para garantir algum tipo de renda, todas elas, contudo, sob a égide da informalidade.

Já trabalhei como vendedora em algumas empresas. Trabalhei muito em bufê, então não era CLT. Era aquele negócio que você trabalhava e ganhava um tanto por dia. Depois eu fui para a Yakult, trabalhei um tempo lá como vendedora, depois fui para outra empresa também como vendedora [único trabalho em sua trajetória como CLT], e agora estou aqui, procurando um emprego.

Aqui, fica evidente que a transição de Isabella ao mercado de trabalho foi marcada, primeiramente, por trabalhos informais, incertos e irregulares. Sua experiência é emblemática em ressaltar que a informalidade não é uma condição estranha ou anômala ao mercado, mas cada vez mais constituinte e intrínseca ao próprio *modus operandi* do capitalismo (Agarwala 2018), sendo a juventude um setor amplamente afetado pelas elevadas taxas de informalidade e, nos piores cenários, pelo desemprego (Ipea, 2020).

Mais ainda, entre os trabalhos informais que foram realizados pela entrevistada, é particularmente interessante o emprego que teve como vendedora domiciliar (*Yakult Lady*) pela multinacional japonesa Yakult, em que Isabella tomou a liberdade de nos contar os motivos de sua aversão à informalidade desde então, muito em virtude de sua experiência nessa empresa mundialmente conhecida e que opera no Brasil há décadas.

Ao explicar sua experiência como revendedora, Isabella enfatizou sua função de comercializar alguns produtos da Yakult que recebia em sua casa, buscando revendê-los principalmente para pessoas próximas à sua residência. É curioso notar que, ao visitarmos o website da empresa, nos deparamos com um conto idílico acerca da flexibilidade das *Yakult Ladies*, que supostamente teriam maior tempo de descanso e lazer, além de ressaltar a possibilidade de gerar uma boa renda mensal⁸.

O website também afirma que esse trabalho pode servir como uma espécie de complementação de renda. Ora, se serve de papel complementar, isso implicaria que a vendedora possui outro tipo de trabalho. Ou seja, até que ponto haveria tempo “para sua família e sua saúde”? Essa é apenas uma das muitas contradições por trás do discurso da flexibilização que, inclusive, invoca o gênero feminino como sendo aquele “naturalmente” disposto a conciliar trabalho, família e tarefas domésticas, apagando o lastro social por trás da desigualdade de gênero (Abílio, 2014; Castro, 2016).

Não por acaso, enquanto estive trabalhando como revendedora domiciliar, Isabella ressaltou que a ausência de uma renda fixa e a inconstância do seu pagamento a incomodavam, já que precisava bater as metas de vendas para receber de forma minimamente satisfatória. Quando tal meta não era atingida, a entrevistada precisava tirar do seu próprio “bolso” para pagar os prejuízos contraídos.

Como era de “porta em porta”, você tinha que vender, senão você não recebia. Era por venda, eles me davam um começo né, o material, aí eu vendia e trabalhava a partir daquilo. O que me sobrava de lucro era meu pagamento, e aí eu pagava os materiais. Era uma coisa meio de revendedor né. Então é complicado porque, às vezes, você não recebe nem o salário mínimo, às vezes você recebe muito pouco! Depende das suas vendas. Às vezes eu recebia 500 reais, às vezes recebia 700, às vezes eu voltava para 400, então era assim, dependia das vendas. Se, por exemplo, eu não chegasse na meta que é o que tem que pagar do boleto deles, aí eu tinha que tirar do meu bolso para pagar! Não tinha muito o que fazer.

As experiências de Isabella como revendedora dialogam com o que Abílio (2014) expôs acerca das condições de trabalho das revendedoras da Natura, este realizado de forma

⁸ Mais informações sobre ser comerciante da Yakult podem ser acessadas aqui. Acesso em: 7 jan. 2025.

precária e majoritariamente por mulheres de baixa renda, que enfrentam situações de risco e, muitas vezes, precisam “pagar para trabalhar”, como também constatou Isabella ao trabalhar como revendedora para a Yakult.

A partir da trajetória particular de Isabella, e que reflete processos externos de flexibilização e transferência de responsabilidade aos trabalhadores, podemos notar como se configura o mercado para uma parcela da juventude que está dando seus primeiros passos no mundo do trabalho: empregos informais e com remunerações abaixo do salário de subsistência. Além disso, é como se, dialogando com os valores propagados pelo neoliberalismo, a responsabilidade pelo sucesso ou fracasso fosse constantemente transferida aos próprios trabalhadores (Dardot; Laval, 2016), que devem aprimorar sua própria “empregabilidade” frente a um cenário de elevado desemprego (Silva, 2002).

Porém, apesar do discurso neoliberal constantemente individualizar problemas estruturais ao capital e ressaltar supostas “vantagens” de um trabalho sem a “rigidez burocrática” da carteira assinada (Lima; Oliveira, 2021), as experiências pessoais de Isabella e sua trajetória árdua com a informalidade resultou em uma consciência específica da entrevistada contra o setor informal, além de um maior apreço ao trabalho com direitos garantidos. Desse modo, quando perguntei se Isabella teria uma preferência entre um trabalho CLT ou informal, sua resposta foi rápida:

Eu prefiro carteira assinada, claro! A situação da carteira assinada traz um pouco mais de segurança, não é? Em questão de pagamento, em questão de direitos, em questão de tudo isso né. Você faz seu negócio bonitinho e você sabe que está dentro dos direitos. [...] Então passa essa segurança que você vai ter seus direitos e vai receber tudo bonitinho o que você tem que receber.

Não por acaso, o motivo de Isabella estar visitando o CATE estava em participar de um processo seletivo para um trabalho formal, não lhe interessando os outros recursos proporcionados pela instituição no que diz respeito ao oferecimento de microcrédito, recursos para empreender ou formalização do Microempreendedor Individual (MEI). Ao que parece, o interesse por empregos formais se deve à própria experiência de Isabella, marcada pela falta de segurança e evidente instabilidade em sua trajetória laboral desde o primeiro momento que fez sua transição ao mercado de trabalho.

3.2 “Por que eu não posso só ter um trabalho normal? De uma pessoa normal?”

Laura é uma jovem trabalhadora de 20 anos que também reside na cidade de São Paulo. Conforme afirmou ao longo de nossa entrevista, precisou trabalhar e estudar ao mesmo tempo desde que tinha apenas 15 anos de idade, fazendo jus aos inúmeros jovens brasileiros que, mesmo antes de atingir a maioridade, adentram o mundo do trabalho (Abramo, Venturi, Corrochano, 2020; Cardoso, 2019). Contudo, a entrevistada encontrou constantes dificuldades em se manter em um emprego por muito tempo, saltando de um para outro, em sua grande parte, informais⁹.

Meu primeiro emprego foi de telemarketing, depois eu trabalhei um tempo em uma loja de celular; outro tempo em uma hamburgueria, depois eu trabalhei no McDonald's, aí eu trabalhei em uma padaria, depois em uma cafeteria, aí depois eu trabalhei em outra cafeteria. Tô esquecendo alguma coisa? Acho que não. Três [empregos] eram de carteira assinada, o resto informal.

⁹ “A precariedade de emprego [...] faz com que muitos jovens andem, como eles dizem, ‘aos saltos’: de trabalho em trabalho, passando pelo desemprego, num recorrente movimento ioiô” (Pais, 2016, p. 61).

Novamente, nos deparamos com o fato de que um plano de carreira bem definido parece uma espécie de anomalia, incompatível com o atual capitalismo flexível de elevada informalidade (Sennett, 2006), o que se torna uma regra cada vez mais comum. Além disso, em alguns dos seus trabalhos anteriores, Laura afirmou que ainda encontrava problemas em se locomover por São Paulo, uma cidade enorme e de difícil mobilidade. No caso dos empregos informais, ela precisou gastar uma quantidade considerável com passagens de metrô para chegar até o local de trabalho, o que por sua vez gerava sentimentos de insatisfação, como se estivesse, segundo ela, “pagando para trabalhar”.

Após terminar o ensino médio e, segundo Laura, ter mais tempo disponível, ela tentou acumular alguns cursos formativos no intuito de melhorar suas possibilidades de inserção no mercado de trabalho. Porém, a constante instabilidade de não conseguir se manter em um emprego fixo fez com que a entrevistada não conseguisse tempo nem condições financeiras para se especializar. Não por acaso, em virtude da inconstância recorrente em sua vida, com empregos precários e o desemprego se intercalando em sua trajetória, Laura se tornou favorável à ideia de políticas governamentais que possibilitassem algum tipo de auxílio para os desempregados, no intuito de promover uma garantia mínima de existência e possibilitar possíveis planejamentos pessoais.

Acho que o auxílio desemprego é um bom investimento, porque, se as pessoas não conseguem trabalhar, elas não conseguem viver, basicamente. Vão viver do quê? De ar? Então, querendo ou não, o governo não pode só pensar de forma geral: é importante ver que algumas pessoas precisam de auxílio para sobreviver.

A partir da compreensão de Laura sobre as pessoas só conseguirem viver na medida em que trabalham, podemos referenciar o que Marx (2010; 2013) formulou acerca da tendência capitalista em, primeiramente, alçar grande parte dos indivíduos à condição de trabalhador(a) para, só depois, possibilitar a existência deles, mediante a venda da sua força de trabalho. Ou seja, para tentar se formar minimamente como sujeito em outros âmbitos da vida, o indivíduo deve, primeiro, ser trabalhador, isto é, deve estar inserido no movimento de reprodução do capital.

Além disso, diferentemente de modalidades quantitativas isoladas, que reduzem o desemprego a meras estatísticas numéricas, os ricos depoimentos daqueles que vivem a condição de estar desempregado nos possibilita entender o que, de fato, desemprego significa na vida dos trabalhadores e trabalhadoras: a ameaça efetiva de sua própria existência, diante de uma sociedade que formalmente afirma que todos são livres para fazerem o que bem quiserem, mas na prática reduz a maioria das pessoas dentro de um único binômio: vender sua força de trabalho ou perecer sob o desemprego (Engels, 2008).

No caso de Laura, que sobrevive em um mundo do trabalho marcado por políticas e narrativas neoliberais, seria de se esperar que medidas assistenciais fossem vistas por ela como “falhas” ou “desnecessárias”, posto que o discurso dominante tende a generalizar a concepção de que auxílios estatais são gastos ineficientes (Druck, 2021). No entanto, em oposição ao ideário dominante, as experiências particulares de Laura acabaram por moldar uma concepção oposta, favorável aos auxílios assistenciais, principalmente em momentos de desemprego.

Além disso, em um determinado momento de nossa entrevista, perguntei à Laura sobre sua opinião acerca de organizações sindicais. No início, imaginei que a ideia de sindicatos poderia parecer estranha aos jovens trabalhadores que participaram de minha pesquisa, tendo em vista o retrocesso sindical dos últimos anos a partir dos avanços de políticas neoliberais, e que resultaram na diminuição de organizações coletivas (Lima; Oliveira, 2021). No entanto, Laura

enxergava a possibilidade de pessoas lutando por seus direitos como algo positivo, ainda que, quando passou por inúmeras desavenças com seus patrões, nunca tenha encontrado qualquer organismo coletivo para se apoiar. O que estava claro para Laura é que ela odiava seus patrões.

Na real, eu odeio todos [os patrões], eu odeio muito! Mas eu sempre fiquei muito na minha, e quando eu não queria mais eu falava “tchau!”. Eu era meio inconsequente, talvez eu ainda seja, talvez eu não queira ficar em um lugar que não me faz bem. As minhas experiências com chefes que eu tive são de pessoas que sempre estavam “cagando” para coisas que elas poderiam fazer bem melhor se se importassem minimamente.

E como você enxerga a presença dos sindicatos no ambiente de trabalho?

Eu acho legal! Mas sinceramente eu não conheço muito sobre, eu nunca vi nenhum, mas é uma iniciativa legal. Acho sempre bom as pessoas se juntarem para terem seus direitos!

Desse modo, se por um lado a narrativa neoliberal busca retirar direitos e condenar a participação sindical como algo indesejável e retrógrado, isso não significa, por outro lado, que tais valores contra organizações coletivas interpelem os trabalhadores de modo instantâneo ou mecânico. Na realidade, as vivências negativas de Laura com seus patrões e a ausência de direitos na informalidade parecem ter influenciado na formação de uma consciência favorável à organização coletiva.

Contudo, o cenário de alta instabilidade e insegurança acabou por desmoralizar a perspectiva de futuro da entrevistada, afirmando que, se pudesse escolher, arriscaria tudo para “mudar de país” e tentar uma nova vida. Em um determinado momento de nossa conversa, Laura também se demonstrou extremamente pessimista com o seu presente, uma vez que, mesmo com apenas 20 anos de idade, a entrevistada afirmou sentir que estava condenada a uma vida de dificuldades financeiras, envolta em incertezas e ansiedades. Isso ficou evidente pois, ao se emocionar em nossa conversa, Laura afirmou que não sabia mais o que fazer.

Não sei o que fazer velho, eu já entreguei currículo em todos os lugares e nenhum lugar me chama, e os lugares que me chamam são uns negócios insalubres sempre, uns trabalhos difíceis sabe? Que inferno, por que eu não posso só ter um trabalho normal? De uma pessoa normal? É chato pra caralho isso, eu nunca consegui ter um emprego que eu realmente achasse bom, ou que realmente estivesse dentro das regras, da legalidade etc. Estou cansada pra caralho disso. Eu imprimo currículo com um dinheiro que nem posso gastar para, no final, nenhuma pessoa me chamar? Que nem eu já fiz milhares de vezes? De verdade, eu nem sei o que fazer. É difícil ver um lado bom nisso tudo, é difícil ver um futuro, eu sinceramente não vejo eu conseguindo ficar viva se minha vida for sempre assim, eu acho que eu não aguento. Não estou aguentando direito agora, estou quase surtando...

Entrevistar jovens em situação de desemprego requer uma sensibilidade específica por parte do pesquisador, no sentido de lidar com trabalhadores e trabalhadoras que, constantemente, mobilizam sensações de estarem condenadas e “sem valor”. No caso de Laura, seus depoimentos carregavam o forte sentimento de uma juventude deixada à deriva, sem perspectivas (Wickert, 2006), o que também reflete a própria condição de estar desempregada, em que a procura de emprego é vivida como um sofrimento frente às incertezas do futuro (Guimarães, 2012).

Mesmo tendo tantas experiências de trabalho e ser uma pessoa bem comunicativa, Laura sentia que sua vida estava condenada pelo desemprego e por trabalhos “insalubres”, impossibilitando qualquer planejamento futuro. Não por acaso, Mandelbaum e Ribeiro (2017)

ressaltam a dessocialização passível de ocorrer com aqueles que enfrentam o desemprego, uma vivência de solidão, dialogando com as análises de Castel (2009) sobre o sentimento de impotência, pela crença de que não há o que se fazer diante de um cenário marcado pela informalidade e pela dificuldade de se manter em um emprego bem remunerado.

3.3 “Se eu tiver minha própria empresa, eu acho que eu vou conseguir ter uma vida estável [...] uma vida boa”

Mathias é um jovem trabalhador de 24 anos, nascido na capital paulista. No momento inicial de nossa entrevista, ele afirmou que estava enfrentando dificuldades financeiras e morando com sua mãe, porém, estava “quase sendo expulso” por não conseguir permanecer em um emprego fixo. Quando adolescente, o entrevistado havia sofrido um acidente de moto, resultando em uma complicação física que o impossibilitou de frequentar o ensino médio por um determinado período de tempo.

Apesar de afirmar que queria ter voltado a estudar se tivesse a oportunidade, as dificuldades financeiras que sua mãe enfrentou após o falecimento de seu pai fizeram com que Mathias não conseguisse retomar seus estudos, mesmo após ter se recuperado do acidente. Sendo assim, precisou adentrar o mercado de trabalho desde muito jovem.

Meu primeiro emprego foi trabalhando na ótica Diniz, na Lapa. Não, na verdade foi na Tent Beach, eu passei por um processo seletivo lá, mas não consegui me adaptar direito com o serviço, porque lá foi muita correria. Aí eu fui pra Ótica Diniz. E depois de lá eu fiz um curso de salvamento aquático, como salva-vidas. Aí eu trabalhei tipo em uns clubes nesse período. Mas aí, veio a pandemia. Quando veio a pandemia é que eu perdi meu emprego. Aí desde lá, até então, eu nunca mais trabalhei com carteira registrada.

Mas depois da pandemia você chegou a trabalhar de alguma outra forma?

Eu vivo de bico hoje em dia, vivo de bico e vendo paçoca na rua, faço qualquer coisa para poder estar ganhando dinheiro.

Conforme demonstra o depoimento do entrevistado, o avanço da pandemia de covid-19 incidiu diretamente sob sua trajetória laboral, pois clubes aquáticos foram fechados enquanto ele trabalhava como salva-vidas, resultando, assim, no desemprego de Mathias. Não obstante, considerando que alguns locais públicos voltaram a funcionar (ainda que com algumas restrições) a partir de meados de 2021, chamou a atenção o fato de o entrevistado nunca mais ter trabalhado com carteira assinada desde o momento de nossa entrevista, em abril de 2024. Pelo contrário, sua renda ficou à mercê de eventuais bicos, além de vender doces na rua para arrecadar qualquer forma de renda. Fora isso, Mathias estava há cerca de dois anos sem um emprego minimamente estável.

Vai fazer dois anos que eu estou desempregado mesmo, sem arrumar nenhum trampo, só de trampo híbrido sabe? Tô vivendo de “picadinho”. Todos esses dois anos eu estou procurando emprego, mas acho que é a questão do estudo, né? Que complica um pouco. Porque agora o mercado de trabalho está precisando de bastante jovens, mas também com uma qualificação profissional né? É o que a receita procura.

Apesar de ter sofrido um acidente na adolescência e ter enfrentado o desastre social e as implicações advindas da pandemia de covid-19, Mathias parecia procurar em si mesmo os motivos de não conseguir um emprego mais estável. Além de evocar a ausência de ensino

médio completo, ele reconhece que o mercado está precisando de jovens, porém de jovens mais “qualificados” profissionalmente.

Mais ainda, o fato de Mathias morar em Pirituba (região mais afastada do centro), fez com que ele passasse por dificuldades em chegar até o local de trabalho ou se manter em um emprego ao longo dos anos, resultando, inclusive, em demissões por parte de seus superiores.

[Já me atrasei] muitas vezes. Aonde eu moro às vezes acontece enchente, aí para tudo cara! Aí o trânsito fica aquele caos. [...] Eu sou de Pirituba, aí já perdi emprego por causa disso, de chegar atrasado e ficar com vergonha de falar para o meu gerente, pro cara que me contratou, e falar o que aconteceu. Aí já acabei perdendo serviço por causa disso...

Para além de questões envolvendo dificuldades de se locomover por São Paulo, Mathias afirma que o fato de morar em uma região mais carente de Pirituba fez com que ele enfrentasse preconceitos por parte de seus patrões, que o contrataram na época em que era salva-vidas, e também por parte de clientes do local, já que eles o viam como alguém de uma região menos favorecida de São Paulo.

Já tive questões de preconceito, em questão de onde eu morava. Tipo, questão de preconceito já teve, já teve várias coisas. [...] É que o clube que eu estava [trabalhando] era clube de boy né? Aquelas pessoas que tem renda melhor né. Aí vai lá e fala: ah eu moro na favela. Aí já acham que você vai pegar alguma coisa. É uma sacanagem.

Posteriormente, considerando as dificuldades de inserção laboral que Mathias enfrentou após o período pandêmico, perguntei sua opinião acerca de possíveis auxílios sociais que poderiam tê-lo ajudado no momento em que ficou mais de dois anos desempregado e sem estabilidade financeira. Surpreendentemente, sua resposta foi negativa em relação aos auxílios proporcionados pelo Estado, mais especificamente aquele que foi concedido durante a pandemia.

Eu acho que depende das medidas. Porque o brasileiro é um pouco acomodado, né? Quando veio o auxílio da pandemia eu acho que foi o que deu uma bolha no nosso sistema! Eu acho que foi o que quebrou um pouco da nossa verba. [...] Seria bem melhor se o governo desse uma qualificação profissional, um auxílio de qualificação profissional e depois o profissional estar ali pagando de volta. Acho que seria bacana.

Apesar de ser contrário a auxílios sociais que, segundo ele, podem deixar o indivíduo “acomodado”, Mathias defende a existência de qualificações ou auxílios que, posteriormente, cobrem os trabalhadores de volta de alguma forma. Desse modo, suas ideias parecem se relacionar com políticas assistenciais de cunho neoliberal¹⁰, e que buscam a inserção social mediante financeirização ou endividamento daqueles que são minimamente beneficiados (Gago; Mezzadra; Scolnik; Sztulwark, 2014).

Diferentemente dos outros entrevistados, que enxergavam de modo positivo medidas como o seguro-desemprego, Mathias ressalta o perigo de tais medidas em “acomodar” aqueles que

¹⁰ “A mediação financeira toma como dispositivo predileto o endividamento massivo, que se veicula muitas vezes através dos próprios subsídios sociais que o Estado entrega aos chamados ‘setores vulneráveis’, permitindo a bancarização compulsiva daqueles que se supõem ‘excluídos’, financeirizando os próprios direitos sociais” (Gago, 2018, p. 10).

fossem contemplados por tais auxílios, ressaltando que, ao seu ver, recursos dados no momento da pandemia foram o que deram a “bolha” no sistema, no sentido de prejudicar a economia.

Ao longo de nossa entrevista e considerando as dificuldades que encontrou para encontrar um emprego, Mathias afirmou que nutriu como principal objetivo de vida se tornar um músico de sucesso e, assim, abrir sua própria gravadora musical.

Eu tenho a ideia de música, eu quero ser um músico. Eu gosto de cantar, gosto de compor. Em questão disso, queria um dia fazer uma música boa, dar uma estourada por aí. E logo abrir minha própria produtora, realizar o sonho que eu tinha com meu pai. Meu pai era DJ também, além de salva-vidas e bombeiro.

Para além do desejo de ser um músico bem-sucedido, as aspirações de Mathias estão entrelaçadas com a memória afetiva de seu falecido pai, que também era músico e, dentre outras coisas, salva-vidas, um caminho que Mathias também buscou em sua própria trajetória individual, como visto anteriormente. Não obstante, de acordo com o entrevistado, seus planos para atingir sua meta estão parados em virtude das dificuldades financeiras e ausência de emprego fixo que o possibilitasse poupar alguma renda, somado ainda às brigas com seus familiares que incidem, direta e indiretamente, sobre sua própria condição emocional.

Estou com um sentimento meio que, sabe, meio de se sentir esquecido. Um sentimento meio ruim, sentimento de: caramba meu, tô querendo fazer tudo certo, mas está dando tudo errado, sabe? E também tá muito tenso, muitas brigas dentro de casa, várias coisas, sabe? Várias coisas, e que às vezes deixa nós triste e até sobrecarregado, né?

As dificuldades de inserção laboral, somadas ainda às questões familiares, acabam por imprimir um claro sentimento pessimista e sem muitas expectativas dentro da narrativa de Mathias, que se sente “esquecido”, como se estivesse fazendo tudo “errado”, o que dialoga com os sentimentos de sentir-se à deriva e sem rumo estabelecido, comum a própria condição de estar sem um emprego garantido (Guimarães, 2012; Sennett, 2006; Wickert, 2006).

Ou seja, apesar de possuir um sonho bem delineado que envolve se tornar um produtor musical, o modo empolgado que Mathias tratou desse assunto logo se esvaiu quando contemplou as dificuldades financeiras que, atualmente, impossibilitam seus planos. De qualquer modo, o entrevistado deixa claro que continuará lutando para tentar materializar seu sonho, uma vez que uma vida marcada por bicos e desavenças com aqueles que o empregaram não compensaria, segundo ele, “ser vivida”.

Mathias também tem claro em sua concepção que uma possível estabilidade financeira futura não será advinda de qualquer auxílio social por parte do Estado, mas dependerá de seu sucesso individual. Não por acaso, ao questioná-lo sobre a possibilidade de aposentadoria, sua resposta contra o governo foi evidente.

Com esse governo que está aí agora eu acho que não. [...] Aposentadoria não, mas se eu tiver minha própria empresa, eu acho que eu vou conseguir ter uma vida estável e vou poder viver do meu sonho, uma vida boa. Mas aposentadoria eu acho que não vou conseguir aposentar tão cedo não, ainda mais com esse aumento que teve ultimamente...

Novamente, considerando os escassos recursos sociais e a ausência de perspectivas em um mundo do trabalho marcado pela precarização, para Mathias está claro que a possibilidade de uma vida boa e estável só será possível se ele virar um produtor musical bem-sucedido, além de carregar consigo a noção de que não se pode esperar qualquer estabilidade “com esse governo que está aí agora”.

Tal depoimento dialoga com outros momentos da entrevista em que Mathias se mostrou relutante no que diz respeito às questões governamentais, como auxílios sociais que, segundo ele, chegaram a prejudicar o sistema econômico no momento da pandemia. Embora tal postura pareça contraditória tendo em vista que o entrevistado estava frequentando o Centro de Apoio ao Trabalho e Empreendedorismo (instituição municipal sustentada pela prefeitura de São Paulo), ele estava lá apenas para participar de uma entrevista de emprego formal.

Sendo assim, diferentemente das duas últimas entrevistas que produziram narrativas contrapostas ao discurso neoliberal de condenar medidas assistenciais, as percepções de Mathias mesclaram um pessimismo tanto no que tange à relação entre patrão e empregado quanto às medidas estatais existentes. Para Mathias, seu sucesso dependerá unicamente dele, por mais que tenha que lidar com uma condição social marcada por dificuldades financeiras, emocionais e familiares, e que se manifestaram em nossa entrevista através de um evidente sentimento de impotência e desencanto com o mundo.

4. DISCUSSÃO

A partir dos três depoimentos aqui apresentados, busquei demonstrar as maneiras como a informalidade e o desemprego assombram a realidade de jovens trabalhadores na capital paulista. Essa forma de vida precária ocorre desde muito cedo, em que não está determinado de antemão uma trajetória escolar linear em direção ao mercado, sendo até mesmo problemático falar de uma “transição” para a vida adulta através do trabalho, já que muitos jovens começam a trabalhar antes mesmo de atingir maioridade (Abramo, Venturi, Corrochano, 2020).

Cada vez mais, a informalidade se comporta enquanto uma espécie de “*rito de passagem*” para uma juventude que se depara com um mercado de trabalho saturado e historicamente carente de direitos sociais. Não por acaso, estudos anteriores já demonstraram que a inserção de jovens brasileiros no mercado é, muitas vezes, realizada pela constante alternância entre empregos precários e desemprego (Corseuil, Franca, Poloponsky, 2020; Cardoso, 2019).

A constante exigência de suprir necessidades familiares de curto prazo, a ponto de interromper os estudos para trabalhar, resulta na inserção de jovens trabalhadores em postos de trabalho de pior qualidade e, na maioria das vezes, marcados pelo flagelo da informalidade. Essa alta taxa de rotatividade envolvendo a juventude trabalhadora ficou ainda mais evidente com as sequelas da pandemia de covid-19, que alavancou os índices de desemprego e precarização no Brasil (Antunes, 2022).

Além disso, está evidente que o projeto político-econômico do neoliberalismo não cessou nos anos 90 e nem nos governos ditos “progressistas”¹¹ que se configuraram na América Latina no início dos anos 2000. Na verdade, o *modus operandi* neoliberal continua presente inclusive em instituições públicas (Druck, 2021), como é o caso do CATE, que promove valores empreendedores e cursos profissionalizantes para um setor da classe trabalhadora em situação de desemprego (Ulbricht, 2024). Ou seja, o empreendedorismo se torna uma narrativa cada vez mais dominante em um contexto de desemprego estrutural, decorrente da eliminação de postos de trabalho, do aumento da competição entre os trabalhadores e do esvaziamento de lutas sindicais (Lima; Oliveira, 2021; Silva, 2002).

¹¹ Aqui, estou me referindo a governos como os de Lula e Dilma no Brasil, e de Kirchner na Argentina, que apesar de não terem sido abertamente neoliberais, não romperam em nenhum momento com a tendência da financeirização da vida tão cara ao neoliberalismo (Gago, 2018).

Em relação às entrevistas e considerando o primeiro caso, Isabella só conseguiu um emprego formal depois de mais de um ano em trabalhos informais, tornando-se uma grande defensora da carteira assinada após sua experiência negativa como revendedora da Yakult, em que nem um salário mínimo estava previamente garantido.

Laura, por sua vez, mal conseguia permanecer em empregos informais devido às péssimas condições de trabalho e ao assédio patronal constante, a tal ponto que apresentou, em sua narrativa, sentimentos de angústia, desamparo e ausência de perspectivas quanto ao futuro. Mesmo com apenas 21 anos, Laura não enxergava otimismo em sua vida perante um mundo do trabalho precário. Não por acaso, a constante alternância entre desemprego e informalidade fez com que a entrevistada prezasse pela existência de auxílios sociais e, até mesmo, de organizações sindicais.

De fato, estudos de trajetórias de vida com trabalhadores em situação de vulnerabilidade evidenciam uma identidade profissional marcada por transitoriedade frequente e precariedade laboral (Manzano; Krein; Abílio, 2024). Não por acaso, tanto Laura quanto Isabella se tornaram grandes defensoras da formalidade e, inclusive, de auxílios sociais dados pelo Estado, o que vai de contramão ao discurso neoliberal dominante em tratar recursos estatais como gastos desnecessários, ou condenar a rigidez de postos empregatícios formais. Sendo assim, a experiência concreta da juventude trabalhadora pode gerar consciências próprias e, inclusive, resistências a discursos hegemônicos dominantes.

Por outro lado, considerando o caso de Mathias, que desde o advento da pandemia ficou desempregado e dependente de bicos para sobreviver, vemos que ele chegou a desenvolver um sentimento de desamparo e desconfiança para com o Estado. Segundo ele, qualquer mudança de vida dependeria unicamente de seu sucesso como músico, chegando a condenar auxílios sociais mais tradicionais enquanto possíveis empecilhos para o avanço econômico, o que dialoga mais intimamente com o discurso neoliberal em prezar pelo enxugamento do caráter assistencial do Estado (Antunes, 2009; Druck, 2021).

No entanto, sua ambição e ânimo em perseguir seu sonho se mesclaram, na narrativa de Mathias, com um pessimismo melancólico ao viver uma realidade marcada por bicos, informalidade e desemprego, impossibilitando-o de arrecadar a renda necessária para colocar seus desejos em prática. De qualquer forma, sua ambição de se tornar músico continua existindo como um último suspiro para mudar sua realidade.

Neste trabalho, o motivo e o potencial de uma abordagem qualitativa para se investigar a realidade desses jovens me pareceu enfatizar aquilo que Thompson (1978) já ressaltara: a necessidade de considerar as experiências concretas da classe trabalhadora, que podem resultar em várias formas de consciência no contraditório terreno cultural e valorativo. Assim como sua existência, a consciência dos trabalhadores não é algo estático ou mecanicamente engendrado, na realidade, está em um constante movimento de “fazer-se”.

Pessoas que experimentam suas situações e relações produtivas determinadas como necessidades e interesses e como antagonismos, e em seguida “tratam” essa experiência em sua consciência das mais complexas maneiras (sim, “relativamente” autônomas) e em seguida (muitas vezes, mas nem sempre, através de estruturas de classe resultantes) agem, por sua vez, sobre sua situação determinada (Thompson, 1978, p. 182).

Frente a uma realidade marcada por diversas formas de viração (Abílio, 2017), presenciamos, na trajetória desses jovens trabalhadores, o que Gago (2018) denominou *Barroco Latino-Americano*, um emaranhado social que encadeia distintas formas de se pensar a questão

de trabalho e das oportunidades diante de uma realidade que permanece incerta para aqueles que, atualmente, navegam em um mundo do trabalho sob ruínas da precarização e do neoliberalismo.

A depender de quais trajetórias e experiências a que estamos nos referindo, é possível notar a formação de distintas consciências sobre determinadas problemáticas sociais. No caso de Isabella e Laura, ambas se contrapõem ao discurso neoliberal ao defenderem auxílios tradicionais e empregos com carteira assinada. Por outro lado, as experiências de Mathias em um mercado de trabalho marcado por bicos e dificuldades financeiras o fez refletir sobre a necessidade de depender unicamente de si mesmo para seu sucesso, em que até mesmo medidas assistenciais seriam um empecilho para o sucesso econômico.

Ou seja, se há uma hegemonia neoliberal que assola o mundo do trabalho atual e as instituições públicas, é preciso ressaltar, contudo, que tal hegemonia não está imune a contraposições. Pelo contrário, através de entrevistas que buscaram olhar “de baixo” a realidade de trabalhadoras e trabalhadores que sobrevivem entre a informalidade e o desemprego, foi possível encontrar aquilo que, segundo Gago (2018), antagoniza, frustra ou confronta qualquer pretendida hegemonia. Conforme ressaltou Gramsci (2022, p. 35), a realidade não é algo estático e imóvel, mas uma “relação de forças em contínuo movimento e mudança de equilíbrio”.

5. CONCLUSÃO

Diante de um mundo do trabalho sob as ruínas da precarização e da informalidade, parece evidente que o desemprego, como afirmou Mészáros (2006), constitui um dos elementos definitivos do atual período histórico do capitalismo, tornando-se uma condição extremamente porosa na medida que a ausência de trabalho se mistura com o aumento de empregos temporários e irregulares, e de forma ainda mais evidente no Brasil (Falavina; Ulbricht, 2025). Não obstante, apesar da importância de se captar quantitativamente o aumento de tais fenômenos, também se torna fundamental compreender o emaranhado de teias e relações sociais que perpassam a vida daqueles à procura de trabalho (Guimarães, 2012).

Além do desemprego ser socialmente seletivo e atingir grande parte da juventude brasileira (Guimarães, 2002), aqueles que se encontram sem trabalho engendram formas distintas de procurar empregos a partir de sua sociabilidade, o que pode nos revelar tanto acerca de sua condição social quanto das estratégias que os trabalhadores desempregados fazem visando escapar de tal condição. Mais ainda, Guimarães (2012) ressalta que a procura por emprego depende do próprio contexto em que se procura, assim como o sistema e formas de reconhecimento institucional, que são mobilizados para auxiliar os trabalhadores desempregados.

Ou seja, o que podemos esperar de um cenário em que aqueles que procuram trabalho se deparam, cada vez mais, com instituições voltadas aos valores neoliberais de empreender e gerar sua “própria renda”? Ao que tudo indica, uma escassa capacidade de suporte do sistema público aos desempregados resultará no aprofundamento de práticas que, historicamente, caracterizaram a sociedade brasileira: a *viração* dos indivíduos e sua luta constante para sobreviver em um mercado de trabalho extremamente precário, incerto, caracterizado pela informalidade e por baixos salários (Krein, 2022; Abílio, 2020).

Para além dos dados quantitativos sobre a informalidade e o desemprego, este trabalho buscou dar luz às experiências particulares dos indivíduos reais que vivem as mazelas de um mundo do trabalho sob as ruínas do neoliberalismo, através de três casos específicos. Ao fazer isso, busquei entender as narrativas pessoais desses trabalhadores de forma mais profunda, para então compreender como os indivíduos interpretam e navegam pelo mercado de trabalho atual.

Conforme elucidam seus depoimentos, os casos de Isabella, Laura e Mathias sintetizam uma juventude que, desde seus primeiros passos no mercado de trabalho, se deparam com a informalidade ou com o desemprego propriamente dito, em que “saltar” de trabalho em trabalho, viver de bicos ou esperar por mais de um ano por um trabalho com carteira assinada se tornam vivências recorrentes. Sendo assim, antes de serem exceção, tanto a informalidade quanto o desemprego se configuram como elementos constituintes e estruturantes do capitalismo periférico brasileiro (Krein, 2022), capaz de mesclar relações novas no arcaico (Oliveira, 2003).

Nesse sentido, futuras pesquisas e novas investigações são necessárias, visando promover abordagens críticas que renovem o pensamento sociológico para os desafios que compreendem o mundo do trabalho atual. Para além de constatações abrangentes sobre os efeitos econômicos da informalidade e do desemprego, a imaginação sociológica deve insistir em mergulhar no emaranhado caótico e contraditório da experiência e percepção dos trabalhadores que vivem as mazelas de um capitalismo neoliberal em seu cotidiano. Quando conhecemos a realidade da juventude trabalhadora, presenciamos trajetórias múltiplas, diversificadas socialmente, que mais se assemelham a “jardins labirínticos” (Pais, 2016), com distintas encruzilhadas e oportunidades a depender de qual jovem estamos nos referindo.

Além disso, conforme buscamos demonstrar no trabalho empírico, nenhuma hegemonia está livre de rachaduras e enfrentamentos: se por um lado a hegemonia neoliberal busca penetrar seus valores empresariais dentro de instituições públicas e condenar proteções sociais, por outro lado as distintas consciências advindas das experiências concretas dos trabalhadores podem pressionar por mais direitos e por condições dignas de vida, abrindo caminho para novas compreensões vindas de uma juventude que, cotidianamente, luta para sobreviver.

REFERÊNCIAS

ABÍLIO, Ludmila Costhek. **Sem maquiagem**: o trabalho de um milhão de revendedoras de cosméticos. São Paulo: Boitempo, 2014;

_____. **Uberização**: subsunção real da viração. passapalavra/Blog da Boitempo, fev, 2017;

ABRAMO, Helena Wendel; VENTURI, Gustavo; CORROCHANO, Maria Carla. Estudar e trabalhar: Um olhar qualitativo sobre uma complexa combinação nas trajetórias juvenis. **Novos estud. CEBRAP**. SÃO PAULO. V39n03. 523-542. 2020;

AGARWALA, Rina. Incorporating informal workers into twenty-first century social contracts. **UNRISD Working Paper**, No. 2018-13, United Nations Research, Institute for Social Development (UNRISD), Geneva, 2018;

ANTUNES, Ricardo. **Capitalismo pandêmico**. São Paulo: Boitempo, 2022;

_____. **O privilégio da servidão**: o novo proletariado de serviços na era digital. São Paulo: Boitempo, 2018;

_____. **Os sentidos do trabalho**: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. 2ª ed. São Paulo: Boitempo, 2009;

_____. Trabalho e (des)valor no capitalismo de plataforma: três teses sobre a nova era de desantropomorfização do trabalho. In: **Icebergs à deriva**: o trabalho nas plataformas digitais. Org: Ricardo Antunes. São Paulo: Boitempo, 2023;

BURAWOY, Michael. **Marxismo sociológico**: quatro países, quatro décadas, quatro grandes transformações e uma tradição crítica. São Paulo: Alameda, 2014;

- CARDOSO, A. **A construção da sociedade do trabalho no brasil**: uma investigação sobre a persistência secular das desigualdades. 2. ed. Rio de Janeiro: Amazon, 2019;
- CASTEL, Robert. **As metamorfoses da questão social**: uma crônica do salário. 8ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2009;
- CASTRO, Bárbara. Trabalho perpétuo: o viés de gênero e o ideal de juventude no capitalismo flexível. **Lua Nova**, São Paulo, 99: 169-199, 2016;
- CORSEUIL, C.H. L; FRANCA, Máira P; POLOPONSKY, Katcha. A inserção dos jovens brasileiros no mercado de trabalho num contexto de recessão. **Novos estud. II CEBRAP II SÃO PAULO II V39n03 II 501-520 II SET.–DEZ**, 2020;
- DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo**: ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Boitempo, 2016;
- DRUCK, Graça. **O Estado neoliberal no Brasil**: a ideologia do empreendedorismo e o fim dos servidores públicos. *Contemporanea_vol11n3_2021.indd*;
- ENGELS, Friedrich. **A situação da classe trabalhadora na Inglaterra**: segundo as observações do autor e fontes autênticas. São Paulo: Boitempo, 2008;
- FALAVINA, Renata; ULBRICHT, Gabriel. Labor Informality and Unemployment in Brazil: Insights from the Perspective of the Relative Surplus Population. **Monthly Review**. Volume 76, Number 10. 2025;
- GAGO, Verónica. **A razão neoliberal**: economias barrocas e pragmática popular. São Paulo: Elefante, 2018;
- GAGO, Verónica, Sandro Mezzadra, Sebastián Scolnik y Diego Sztulwark. ¿Hay una nueva forma-Estado? Apuntes latinoamericanos. Utopía y praxis latinoamericana. **Revista internacional de filosofía iberoamericana y teoría social**: 177-183, 2014;
- GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere, volume 3**: Maquiavel, notas sobre o estado e a política. 11ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2022;
- GUIMARÃES, Nadya Araujo. A procura de trabalho: uma boa janela para mirarmos as transformações recentes no mercado de trabalho?. **Novos estudos - CEBRAP** [online]. n. 93. Páginas 123-143, 2012.
- _____. Por uma sociologia do desemprego. In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, vol. 17, núm. 50. São Paulo, 2002;
- HARVEY, David. **O Neoliberalismo**: história e implicações. São Paulo: Edições Loyola, 2008;
- _____. **The condition of postmodernity**: an inquiry into the origins of cultural change. Massachusetts: Blackwell publishers, 1990;
- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Desemprego**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/explica/desemprego.php>. Acesso em: 14 abr. 2025;
- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua)**: Indicadores trimestrais da informalidade para pessoas de 14 anos ou mais de idade, por sexo, segundo as categorias selecionadas da ocupação. Tabela 4708. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/4708>. Acesso em: 14 abr. 2025;
- IPEA. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. **Diagnóstico da inserção dos jovens brasileiros no mercado de trabalho em um contexto de crise e maior flexibilização**. Disponível em: <https://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/10107>. Acesso em: 17 abr. 2025;

- KREIN, J. Trabalho, emprego e renda: as condições de vida de trabalhadoras e trabalhadores no capitalismo contemporâneo. **Argumentum**. n. 14. Páginas 9-23. 2022;
- LIMA, Jacob Carlos; DE OLIVEIRA, Roberto Veras. O empreendedorismo como discurso justificador do trabalho informal e precário. **Contemporânea-Revista de Sociologia da UFSCar**, v. 11, n. 3, 2021;
- MANDELBAUM, Belinda; RIBEIRO, Marcelo. **Desemprego**: uma abordagem psicossocial. São Paulo: Blucher, 2017;
- MANZANO, Marcelo; KREIN, José Dari; ABÍLIO, Ludmila C. A dinâmica da informalidade laboral no Brasil nas primeiras duas décadas do século XXI. In: **Icebergs à deriva**: o trabalho nas plataformas digitais. Org: Ricardo Antunes. São Paulo: Boitempo, 2023;
- MARX, Karl. **Manuscritos econômico-Filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2010;
- _____. **O capital**: crítica da Economia Política, Livro I – O Processo de Produção do Capital. São Paulo: Boitempo, 2013;
- MÉSZÁROS, István. Desemprego e precarização: um grande desafio para a esquerda. In: **Riqueza e Miséria do trabalho no Brasil**. Org: Ricardo Antunes. São Paulo: Boitempo, 2006;
- OIT. **Perspectivas Sociales y del Empleo em el Mundo**: Tendencias 2021. Informe de referencia de la OIT, 2021;
- OIT. **World Employment and Social Outlook**: trends 2025. Disponível em: <https://www.ilo.org/publications/flagship-reports/world-employment-and-social-outlook-trends-2025>. Acesso em: 14 abr. 2025;
- OLIVEIRA F, Francisco. **Crítica à razão dualista/O ornitorrinco**. São Paulo: boitempo, 2003;
- PAIS, José M. **Ganchos, tachos e biscoites**: jovens, trabalho e futuro. Ambar, 2006;
- RAVENELLE, A.J. **Hustle and gig**: struggling and surviving in the sharing economy. Oakland, CA: University of California Press, 2019;
- SENNETT, Richard. **A corrosão do caráter**: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo. 11ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2006;
- SILVA, Luiz Antonio Machado. Da informalidade à empregabilidade (reorganizando a dominação no mundo do trabalho). **CADERNO CRH**, Salvador, n. 37, p. 81-109, jul./dez. 2002;
- THOMPSON, Edward P. **A miséria da teoria ou um planetário de erros**: uma crítica ao pensamento de Althusser. Rio de Janeiro: Zahar, 1978;
- _____. **Costumes em comum**; revisão técnica: Antonio Negro, Cristina Maneguello, Paulo Fontes. São Paulo: Companhia das Letras, 1998;
- ULBRICHT, Gabriel. Da solidariedade aos valores empreendedores: a virada neoliberal no Centro de Apoio ao Trabalho e Empreendedorismo. In: **SciELO Preprints**. <https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.9658>, 2024;
- WOODCOCK, Jamie. **The fight against platform capitalism**: an inquiry into the global struggles of the gig economy. London: University of Westminster Press, 2021;
- WICKERT, Luciana. Desemprego e juventude: jovens em busca do primeiro emprego. **Psicologia, Ciência e Profissão**, vol. 26, núm. 2, 2006, pp. 258-269. Conselho Federal de Psicologia. Brasília, Brasil, 2006.

Recebido em: 14/02/2025

Aceito para publicação em: 03/05/2025